

PREFÁCIO

Tenho o grande prazer de apresentar aqui o livro de Caroline Nascimento Lehmann e Reinaldo Azevedo Schiavo. Fruto de um trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, trata-se de uma pesquisa criteriosa e original sobre um dos fenômenos migratórios mais desafiadores na história recente do Brasil: a migração de venezuelanos.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, o Brasil passou a registrar um novo fluxo de imigrantes latino-americanos, sírios e outros cidadãos de países africanos, compondo, assim, um quadro radicalmente distinto da tradicional migração de origem europeia, japonesa ou sírio-libanesa de fins do século XIX até os anos 1930.

Entre os grupos recentes que chegaram ao Brasil na última década, sobressaem-se os haitianos, que vêm sendo muito estudados, e os venezuelanos, novo foco de pesquisas e ações públicas. Em 2021, o número de refugiados venezuelanos passou da ordem do milhão. Não seria difícil elencar aqui os estudos que vêm sendo realizados sobre essa recente migração venezuelana, de fato surpreendente. Primeiro, porque grande número dos atuais venezuelanos residentes no Brasil entrou no país apenas nos últimos quatro anos. Segundo, porque boa parte deles vem sendo objeto do programa federal de interiorização, a chamada Operação Acolhida, em parceria com instituições internacionais, como a Agência da Organização das Nações Unidas para os refugiados (Acnur) no Brasil, as organizações não governamentais (ONGs), prefeituras, universidades e associações religiosas.

Fruto do processo de interiorização, migrantes venezuelanos estão assentados em cidades que, muito provavelmente, eles sequer sabiam da existência antes de chegar ao Brasil, como Goierê/PR ou mesmo Barbacena/MG, objeto deste livro. Como são ainda poucos os estudos sobre esses exemplos de interiorização, a pesquisa realizada sobre venezuelanos residentes em Barbacena por si só justificaria a publicação e leitura desta obra. Porém, isso não é tudo. O leitor há de se perguntar: onde os migrantes poderão melhor desenvolver suas potencialidades e, ao mesmo tempo, integrar-se, preservando seus costumes e enriquecendo a cultura da sociedade de acolhimento? Não seria melhor se fossem acolhidos em grandes cidades, nas quais, em princípio, há mais empregos e oportunidades de formação? Como estão vivendo em Barbacena? O livro é uma valiosa contribuição a esse debate clássico nas ciências sociais e crucial na vida pública e econômica de migrantes, sobre os processos integrativos em núcleos urbanos médios.

A análise trata da interiorização e da vida em Barbacena de maneira bem particular, a qual buscou acompanhar desde a chegada dos migrantes, a acolhida inicial e a condição de moradia, até os aspectos identitários e religiosos, bem como seus medos e a discriminação enfrentada. A leitura do livro fica ainda mais interessante porque os autores não falam em termos abstratos, uma vez que o foco está na família Gonzalez.

Deixo ao leitor o prazer de apreciar a qualidade e riqueza da análise. Destaco apenas que a compreensão do fenômeno migratório sob a lente de uma família é uma perspectiva

frutífera para os estudos migratórios, atestando uma vez mais a atualidade e qualidade do livro de Lehmann e Schiavo.

Espero que este livro possa encontrar muitos leitores e influenciar na ação dos agentes públicos, políticos, empresários, escolas e demais setores da sociedade local e estadual. Da mesma forma, espero que encontre no coração dos leitores o sentimento de que fazer ciências sociais, e ciências de modo geral, vale a pena, não apenas para os profissionais que atuam na área, mas também para os sujeitos – homens, mulheres e crianças, migrantes ou não –, que são a razão e o fim de toda ciência pública que se preze. Finalmente, gostaria de afirmar meu prazer em ver o talento da autora e de seu orientador de pesquisa na graduação, reconhecidos pela instituição na qual atuam.

Márcio de Oliveira

Professor titular de Sociologia

Universidade Federal do Paraná (UFPR)